

Michael Apple

A educação sob a ótica da análise relacional

Os intelectuais devem dar visibilidade às práticas transformadoras construídas pelos professores em sua luta diária. É crucial sistematizá-las, analisá-las, criticá-las para alcançar uma educação mais justa

por Luís Armando Gandin

BIOGRAFIA » EDUCADOR, PESQUISADOR E ATIVISTA

Michael Whitman Apple nasceu em 1942, em Paterson, estado de Nova Jérsei, nos Estados Unidos. Filho de imigrantes russos, Apple cresceu em uma família de classe trabalhadora, que lutava constantemente contra a pobreza. A cidade de Paterson, onde Apple cresceu, foi, no século XIX, uma das cidades com maior concentração de indústrias nos Estados Unidos. Por essa razão, se tornou um dos grandes destinos da grande massa de imigrantes que chegava aos Estados Unidos. Por ser um local com grande concentração de indústrias e por receber um grande número de imigrantes europeus, alguns deles com tradições de lutas sindicais, Paterson foi também uma cidade onde os sindicatos de trabalhadores se desenvolveram rapidamente. A cidade foi o cenário de famosas manifestações pela proibição do trabalho

infantil e de uma grande greve que paralisou os teares da indústria da seda em 1913, com a reivindicação de uma jornada de seis horas e melhores condições de trabalho. A forte mobilização sindical da cidade e da região fez com que grande parte das indústrias mudasse para o sul, onde não havia sindicatos. Paterson passa a viver, a partir da metade do século XX, a conhecida situação das decadentes cidades industriais: grande desemprego, subemprego e situações de pobreza crescente.

É neste contexto que Michael Apple inicia sua vida. Seus pais eram trabalhadores nas poucas indústrias que restavam na cidade e tinham uma grande tradição política, de raiz comunista. A politização de Apple e seu envolvimento nas discussões e nas lutas políticas de sua época aparecem ainda no ensino médio, quando ele se envolve diretamente em um movimento pela igualdade racial. Assim que conclui

esses estudos, Apple começa a trabalhar. Inicia na indústria gráfica, um dos setores mais politizados naquela época. Enquanto trabalha durante o dia, estuda à noite em uma pequena faculdade local de formação de professores. Convocado a servir no Exército, Apple, em função de sua formação, acaba dando aulas durante sua experiência militar. Graças a sua experiência como docente no Exército, quando retorna à vida civil, é contratado – mesmo sem ter concluído o curso – para trabalhar como professor nas escolas de Paterson.

Em seu trabalho docente, logo se envolve ativamente no sindicato local de professores, tornando-se seu presidente. Uma vez concluído o seu curso de formação de professores e depois de exercer a docência por alguns anos, Apple candidata-se e é selecionado para cursar o mestrado na Columbia University, em Nova York, no famoso Teachers College. Em Columbia, ele encontra uma realidade bastante diferente daquela que conhecera na graduação, em uma pequena faculdade do interior do estado de Nova Jérsei. Ele imediatamente percebe o imenso contraste de estar estudando em uma das mais prestigiosas universidades do país, localizada nas vizinhanças de um dos bairros mais pobres (na época) das regiões metropolitanas dos Estados Unidos, o Harlem, sem ter qualquer relação com a grande comunidade negra e latina daquele bairro. Apple conclui o mestrado em 1968 e, dois anos mais tarde, o doutorado, ambos no Teachers College da Columbia University, marcado por uma sólida formação na área da sociologia e da filosofia. Sua tese é considerada exemplar por seu orientador e, ainda em 1970, é contratado para trabalhar na área de currículo na University of Wisconsin-Madison. Três anos mais tarde, Apple já tinha sido efetivado no cargo, algo que costuma levar de seis ou sete anos para se conseguir. Com apenas 34 anos, já era professor titular, em uma carreira meteórica, incomum para os padrões da carreira acadêmica estadunidense.

Nos anos que se seguem, Apple publica inúmeros livros, que vão mudar, definitivamente, o campo do currículo e da educação em geral. Vale destacar *Ideologia e Currículo*, publicado em 1979, considerado por vários como sendo um dos 25 mais importantes livros da educação ocidental. Por todo seu trabalho na University of Wisconsin-Madison, desde 1970, Apple recebeu a distinção de ser nomeado para a cátedra John Bascom, uma das poucas posições de catedrático concedidas pela reitoria da universidade. Apple é professor, simultaneamente, dos departamentos de Ensino e Currículo e de Estudos de Políticas Educacionais na Faculdade de Educação. Além disso, também recebeu

© Masato Nakamura. OSCI/mk/ resina acrílica, tubos fluorescentes, iluminação de arco, 1988. Reprodução

recentemente a distinção de World Scholar do Institute of Education da University of London, Reino Unido, o que o torna professor visitante na universidade em todos os vértices europeus. Além de ter incontáveis distinções acadêmicas e uma lista extensa de publicações, Michael Apple é um grande ativista político, dedicando-se intensamente às lutas por justiça social nas suas várias dimensões: raça, classe, gênero, sexualidade. Quando Apple é convidado a palestrar em uma universidade, quase sempre é requisitado (e sempre aceita) pelos ativistas dos movimentos sociais locais para reunir-se com eles e assessorá-los. Considera esta uma parte crucial de seu trabalho como intelectual. Por conta de seu envolvimento político, já foi preso na Coreia do Sul (ainda que por um breve período), por desafiar a ditadura local. Michael Apple vive em Madison, estado de Wisconsin, nos Estados Unidos, com sua esposa, Rima D. Apple (que também é professora da universidade), e próximo aos seus dois filhos, Peter e Paul, e suas famílias.



OBRA DO ARTISTA japonês Masato Nakamura, que criou diversas instalações envolvendo os arcos da rede americana McDonald's

aqueles envolvidos neste campo.

Nesse texto, Apple conta a história de uma viagem que ele fez a um país asiático. Na viagem de carro entre o aeroporto e seu destino final, ele atravessou quilômetros de campos com plantação de batatas. Na beira da estrada, em intervalos regulares, havia placas com o símbolo da mais famosa rede de comida *fast-food* do mundo. No texto, Apple conta que ingenuamente perguntou ao seu colega ativista, que dirigia o carro, se havia um restaurante daquela famosa rede ali por perto. O ativista respondeu que eles estavam em uma zona rural e que o restaurante dessa rede mais próximo ficava a pelo menos 50 km de distância. Apple ficou intrigado e o colega ativista explicou-lhe o que as placas faziam ali. O governo daquele país havia concedido grandes isenções fiscais a corporações de agronegócio e, em especial, a um dos grandes fornecedores de batatas daquela rede de *fast-food*. Para acomodar aquelas grandes corporações, os camponeses que viviam há gerações naquelas terras, mas não tinham a propriedade legal da terra, foram removidos, em nome do progresso. Ora, estas famílias acabaram migrando para as cidades, inchando as favelas urbanas daquele país. A esta altura Apple, sabendo que seu colega era professor, começou a perguntar-se que relação a história tinha com a educação; seu amigo ativista continuou a

A análise relacional em ação

TALVEZ O CONCEITO QUE melhor resume a contribuição de Apple para o exame da relação da educação com a sociedade seja o de análise relacional ou situacional. Um excelente texto para entender a concepção de Apple a respeito da análise relacional ou situacional é o primeiro capítulo do livro *Política Cultural e Educação*. Em uma descrição

vívida e repleta de elementos muito concretos, Apple mostra, claramente, o que é situar a educação em seu contexto social e relacioná-la às múltiplas dinâmicas da sociedade (classe social e raça, neste caso). Recontar a história de Apple é a melhor maneira de mostrar como este conceito é crucial em sua obra e em suas atividades políticas e como ele abre novas perspectivas para



FOTOGRAFIA de Touhami Ennadre, artista francês. Apple diz que o processo que simultaneamente estabelece a cor branca como a norma e "cria" o "outro" racial e étnico, como todo aquele que não se encaixa nesta norma, é o que define o conceito de branquidade

história e deixou clara esta relação. Com a isenção fiscal, a arrecadação de impostos foi reduzida e as verbas para investir em educação começaram a rarear cada vez mais. As crianças das favelas estavam sem escola (entre outros serviços públicos). O governo, no entanto, encontrou uma forma

para não sofrer a pressão da população e da comunidade internacional. Para que as crianças pudessem ser matriculadas nas escolas públicas, elas precisavam ser registradas em hospitais ou em órgãos do governo, ambos bastante raros nestas localidades extremamente empobrecidas. Sem o registro de muitas crianças, os números oficiais de crianças sem atendimento escolar acabam ficando "sob controle". E o ativista termina a história com uma frase que Apple enfatiza, para que entendamos a necessidade de ver a educação de forma relacional. Ele diz que os campos de plantação de batata que Apple vê são a causa da ausência de escolas na periferia das cidades. E insiste: não há escolas ali porque muitas pessoas gostam de batatas fritas baratas, vendidas nessa rede de restaurantes.

AO ANALISAR O EXEMPLO dessa história, Apple faz toda a teorização que ele propõe sobre educação e sociedade fazer sentido. Ele mostra uma grande habilidade de significar conceitos complexos como ideologia, hegemonia, senso comum, ideologia, poder. Examinando como a construção do "outro" se conecta a elementos de raça e classe, Apple é capaz de fazer algo que poucos conseguem: falar *com* a teoria e não *sobre* ela.

No caso específico da história, ele defende o uso do conceito de branquidade como crucial para estabelecer uma análise relacional. O processo que simultaneamente estabelece a cor branca como a norma e "cria" o "outro" racial e étnico, como todo aquele que não se encaixa nesta norma,

é o que define o conceito de branquidade. Apple mostra como a branquidade se apresenta também espacialmente. O exemplo do país asiático e seus campos com plantação de batata e suas favelas sem escolas mostra como há uma profunda relação entre consumir batatas fritas baratas nos países do centro e as condi-

responder à pergunta “como?”, ou seja, qual a melhor forma de “transmitir conhecimentos” ou de criar comportamentos de ajustamento aos grupos sociais. Michael Apple, então, propõe que a educação e o currículo deveriam propor outras perguntas: “o que?” e “para quem?”. Estas novas perguntas, que não tratam

provêm principalmente das teorias críticas.

Ao incorporar uma nova linguagem que enfatiza os aspectos ideológicos, as relações de poder e a relação entre cultura e relações de produção para o campo da educação, Apple resiste a apenas importar as análises que já estavam ligando a educação à

Para Apple, é crucial perguntar: “o conhecimento de quais grupos é ensinado na escola?”

ções de vida nos países da periferia. Como diz Apple, “consumir batatas fritas baratas é uma das expressões máximas da branquidade”. Apple retoma aqui, de alguma forma, o conceito de fetiche introduzido por Marx. Em Marx este conceito ajudava a entender o processo pelo qual a mercadoria parecia ter valor, quando na verdade o valor tinha sido agregado pelo trabalho humano. Apple vai além do conceito estritamente econômico para entender as ramificações culturais (de raça, mais especificamente, neste caso) da fetichização material e simbólica.

A contribuição teórica de Apple para a análise relacional

Em sua obra sobre o campo do currículo e a educação em geral – que já tem mais de trinta anos de produção ininterrupta –, Michael Apple propõe novas questões que, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, estavam muito pouco presentes na vida das escolas. O discurso educacional, mais especificamente no campo do currículo, estava basicamente centrado em

o conhecimento e as práticas escolares como dadas, mas como uma realidade a ser criticamente examinada, representaram uma ruptura com uma concepção dominante de currículo, vigente naquele momento histórico.

O QUE A OBRA DE APPLE oferece à educação não é mais uma resposta à pergunta “como?”, mas uma série de novas perguntas e preocupações que problematizam o tecnicismo então dominante no campo educacional. Para ele, o crucial é perguntar: “o conhecimento de quais grupos é ensinado na escola?”, “por que este conhecimento?”, “qual a relação entre cultura e poder em educação?” e “quem se beneficia dessa relação?”. Essas questões não tratam o conhecimento e as práticas escolares como dadas, mas como uma realidade a ser criticamente examinada. Ao propor essas novas questões, Apple busca transpor os rígidos limites estabelecidos do campo do currículo e importar uma nova linguagem à educação, com conceitos que

dominação econômica, como, por exemplo, o clássico trabalho de Bowles e Gintis *Schooling in Capitalist America* (1976). A argumentação de Apple está baseada na ideia de que para tratar das complexas relações entre educação e sociedade é fundamental desenvolver uma nova linguagem que dê conta da complexidade do tema em estudo. Para responder às perguntas que ele propõe ao campo do currículo e da educação como um todo, Apple incorpora conceitos como o de ideologia, hegemonia e senso comum para o campo da reflexão sobre a educação. Apple propõe uma discussão que põe em xeque o determinismo das análises economicistas – fundamentadas em uma vertente do marxismo – que falam da cultura e da educação como esferas diretamente determinadas pelas relações econômicas. Ao incorporar uma análise marxista à análise da relação entre a educação e a sociedade, Apple o faz trazendo uma vertente baseada no trabalho de Antonio Gramsci. Gramsci, com sua análise da hegemonia e do

senso comum como conceitos centrais para entender a ligação entre as relações de produção e a esfera da cultura e do mundo simbólico, trazia, segundo Apple, uma análise mais apropriada para entender o campo da educação nas sociedades capitalistas. Essa vertente do marxismo que Apple incorpora à sua análise é chamada de neomarxismo, pois ela incorpora a centralidade da cultura na análise do social, algo que as tradições marxistas não haviam feito até então.

EMBORA DEFENDA UMA posição que enfatiza a importância de entender as relações econômicas como centrais à estruturação das sociedades, Apple luta contra uma versão vulgar de marxismo que considera a cultura como um mero reflexo da economia. Usando o conceito de hegemonia, Apple procura fugir de uma concepção que vê as relações econômicas determinando diretamente e sem mediações a esfera da cultura. Usando os trabalhos de Antonio Gramsci e Raymond Williams (este também influenciado, em grande parte, pela análise de Gramsci), Apple amplia o espectro de análise do campo de currículo ao propor um conceito de ideologia que se relaciona diretamente com os conceitos de senso comum e de hegemonia.

Apple escreveu *Ideologia e Currículo* em um contexto no qual o conceito de ideologia tinha um significado muito particular, extremamente influenciando por algumas tradições do marxismo. Na década de 1970, trabalhos baseados em Althusser e no conceito de Aparelhos Ideológicos



© Reprodução

do Estado retratavam a escola como uma mera instância reprodutora da ideologia dominante. Esta concepção tratava a ideologia como um conceito “no singular”, ou seja, a ideologia era vista como um sinônimo das ideias da classe dominante e tinha um caráter um tanto determinista. Os problemas com este entendimento, segundo Apple, é que ele não capta as contradições, sempre presentes no complexo processo de dominação, e não reconhece o papel que os sujeitos (e não meros objetos) têm na mediação e luta contra a dominação ideológica e material. Já em *Ideologia e Currículo*, mas de forma mais pronunciada em suas

obras posteriores, Apple oferece um entendimento diferente do conceito de ideologia, que, além de focar a reprodução, analisa o conflito, a contradição e as mediações produzidas pelos sujeitos concretos. Apple insiste que a ideologia não deve ser entendida como uma “falsa consciência” diretamente imposta pelas relações econômicas. Para Apple, a ideologia é parte da cultura vivida, encharcada de senso comum.

O CONCEITO DE SENSO comum é outro que Apple traz ao campo do currículo e da educação em geral, para examinar como concretamente a dominação se produz e



PARA APPLE, “ideologias que têm eficácia conectam-se com problemas reais das pessoas, com a experiência cotidiana delas”

O senso comum é formado (mas não de forma exclusiva) por ideologias hegemônicas, pois as classes (ou raça, gênero) dominantes são capazes de apresentar sua visão de mundo como a forma “natural” de entender e operar na sociedade. Um discurso se torna hegemônico porque ele consegue ancorar-se em entendimentos já presentes no senso comum e mobilizá-los, de modo que esta seja a única forma de ver e viver no mundo social. Apple nos ajuda a entender que este é um processo em contínuo movimento, no qual os grupos dominantes precisam lutar para manter a liderança da sociedade. Esta liderança não é garantida simplesmente pela dominação econômica. Apple, valendo-se da contribuição de Raymond Williams, usa a noção de “saturação” para explicar o efeito

onde se pode identificar parte de suas contradições. As ideias que fazem parte do senso comum não estão aí porque alguém simplesmente forçou a sua entrada, mas porque elas fazem sentido para as pessoas nas suas vidas cotidianas. O senso comum é formado por diferentes ideologias, mas estas não são “falsas imagens” da realidade; são concepções de mundo imersas nas visões de classe, raça, gênero. Apple é muito claro nisso: insiste que não devíamos focar o que é falso em uma ideologia, mas o que é verdadeiro; ideologias que têm eficácia conectam-se com problemas reais das pessoas, com a experiência cotidiana delas.

No entanto, não há garantia de que a hegemonia, uma vez obtida, tenha uma longa duração ou se estabeleça para sempre. Para construir liderança, o bloco hegemônico precisa conectar o seu discurso à vida prática. Este é o trabalho cultural que o bloco hegemônico tem de realizar constantemente: estabelecer o seu discurso como aquele que “faz sentido”, algo que não é visto como o discurso dominante, mas como a forma “natural” de pensar e proceder.

AQUI HÁ, PARA APPLE, uma importante conexão: essa ideia de “fazer sentido”, de produzir formas naturalizadas de conceber as relações sociais, está diretamente relacionada ao conceito de senso comum. Nenhuma ideologia se torna dominante se não está, ao menos parcialmente, ligada ao senso comum de cada período histórico. Ou seja, Apple nos mostra como aquilo que a ideologia dominante promove não é uma ideia totalmente estranha às pessoas nem uma realidade falsa. Uma importante parte da

Nenhuma ideologia se torna dominante se não está ligada ao senso comum de cada período histórico

que é produzido sobre nossa consciência: ao experimentarmos crenças e formas de ver o mundo de forma prática, essas têm o efeito de reforçar umas às outras e produzir um efeito de realidade única. Esta é, para Apple, a forma como a hegemonia se instaura.

hegemonia é obtida exatamente quando o discurso dominante consegue converter-se em senso comum, quando o discurso dominante é capaz de articular-se aos elementos de bom senso presentes no senso comum. Apple insiste que esta é uma construção histórica e que o senso comum

nunca é totalmente convertido em discurso dominante. Na verdade, apesar de o senso comum ter sido “trabalhado” pelas classes dominantes, ele preservou suas características básicas: é fragmentado e contraditório, perpassado por múltiplas e diferentes ideologias. A “colonização” do senso comum não é estável ou permanente: o senso comum é sempre uma arena de disputa.

O uso que Apple faz dos conceitos de senso comum, ideologia e hegemonia nos ajuda a entender a complexidade das alianças hegemônicas. O uso que ele faz do conceito de blocos hegemônicos, já em suas primeiras obras, mas de forma

maneira mais explícita e sofisticada em sua obra a partir do final da década de 1980, Apple tem mostrado que não apenas a classe social, mas também as dinâmicas de gênero e raça têm um papel central na análise das alianças hegemônicas e contra-hegemônicas e na própria manutenção destas.

O controle do trabalho docente: as dinâmicas de classe e gênero

A análise que Apple faz do trabalho docente é uma das grandes contribuições do autor para o campo da educação. Ao mostrar que é fundamental examinar a intersecção das dinâmicas de classe social e gênero,

Michael Apple oferece uma análise complexa da realidade do trabalho docente nas escolas

mais incisiva em seus livros mais recentes, o ajuda a explicar o grande trabalho que precisa ser feito para construir e manter as alianças. A análise dessas alianças permite entender que examinar hegemonia e contra-hegemonia é mais complexo do que algumas correntes marxistas simplificadas nos fazem crer.

GRUPOS DOMINADOS também podem ser atraídos para dentro das alianças hegemônicas e não é apenas a classe social destes grupos que determina esses movimentos. Desde seus primeiros trabalhos, mas de

ele inovou construindo um referencial teórico mais complexo, que dá conta das múltiplas dimensões do controle do trabalho da profissão docente.

Inicialmente relacionando o processo de proletarianização (redução dos salários, separação crescente entre concepção e execução no processo de trabalho, aumento das formas de controle, com perda de autonomia) e a estrutura patriarcal (controle baseado na dominação masculina), Apple mostra como a profissão docente, composta em sua maioria de professoras mulheres, tem sido controlada. Ele, no entanto, vai além, para mostrar como





© Louise Bourgeois, *Personagens Intermináveis*, tecido e costura, 2008. Reprodução

as formas mais tradicionais de controle patriarcal, aquelas nas quais as mulheres são explicitamente controladas, por serem mulheres, têm perdido espaço. A organização e a resistência dos movimentos feministas e das professoras mulheres nos sindicatos têm tornado mais difícil este controle abertamente patriarcal. O trabalho de Michael Apple, usando a análise relacional proposta por ele, avança muito ao demonstrar como o controle do trabalho docente se dá de formas mais veladas e mais eficientes. A profunda desconfiança em relação à capacidade das professoras mulheres de ensinar os conhecimentos científicos necessários para a suposta manutenção da vantagem competitiva do sistema educacional estadunidense foi um grande fator na criação dos currículos “à prova de professoras”. Como o controle não podia mais ser explicitamente baseado no patriarcado, as formas de monitoramento se deslocam para o campo do currículo e para a intensificação do trabalho. Apple mostra como o processo de retirada da capacidade de decisão sobre o que deve ser trabalhado nas escolas somado a práticas que agregam cada vez

ESCALURA DA ARTISTA francesa Louise Bourgeois. Apple afirma que “as formas mais tradicionais de controle patriarcal, aquelas nas quais as mulheres são explicitamente controladas, por serem mulheres, têm perdido espaço”

mais elementos ao trabalho docente cotidiano são fatores de controle sobre as professoras. Ao colonizar os discursos sobre profissionalização, que defendem o aumento da responsabilidade dos professores e professoras, os grupos dominantes contribuem para um processo que gera o contrário da profissionalização: a desqualificação intelectual. Sem tempo para planejar suas aulas nem individualmente, muito menos coletivamente, muitas professoras acolhem os currículos, que funcionam como verdadeiros roteiros da ação na sala de aula.

ESSOS CURRÍCULOS, como um *script*, ditam exatamente o que fazer, como fazer e quando fazer. Citando as falas de professoras que lutaram historicamente pela profissionalização, Apple mostra como elas percebem que estão caindo em uma armadilha ao exigirem mais profissionalização, pois o que tem acontecido é a soma de mais tarefas e a perda da autonomia. Ao mesmo tempo, Apple mostra que, quando as professoras resistem com um discurso que enfatiza o cuidado com os alunos, elas também são julgadas por repetirem exatamente o que os grupos dominantes, especialmente aqueles que repetem um certo discurso gerencialista dentro do Estado, denunciavam: a incapacidade dessas professoras de trabalharem os conhecimentos científicos.

Em uma análise que trata as dinâmicas de classe e de gê-

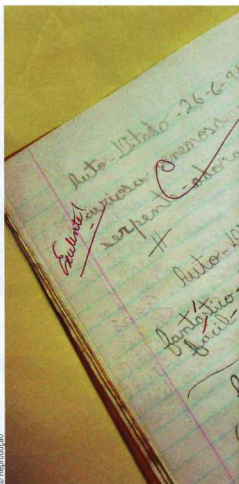
nero em sua relação, Apple mostra como o controle sobre o trabalho docente só pode ser entendido se também o controle do trabalho feminino é entendido. Mostrando as contradições dos discursos de resistência, mas também enfatizando as vitórias históricas que as professoras têm conquistado, Michael Apple oferece uma análise complexa da realidade do trabalho docente nas escolas.

Uma nova visão sobre um "velho" conceito: o currículo oculto

Outra contribuição central da obra de Michael Apple é a discussão sobre o currículo oculto. Examinando a literatura produzida sobre este conceito, Apple mostra que, de fato, este é um tema central a ser examinado. No entanto, ele mostra que, na época em que ele escreveu suas primeiras obras, a ênfase era dada à formação de hábitos e práticas automatizadas e não conscientes, que pouco ou nada tinham a ver com o conhecimento trabalhado nas escolas. Assim, enquanto eram problematizadas (ou enfatizadas

sedimentado de que os conhecimentos escolares eram *os conhecimentos da humanidade* sobre cada uma das disciplinas escolares, que não havia por que analisá-los.

A GRANDE CONTRIBUIÇÃO DE Apple para a teorização do currículo oculto é mostrar que as disciplinas escolares se consolidaram de forma a apagar um processo central na história de sua constituição: a "tradição seletiva". Usando este conceito de Raymond Williams, Apple demonstra como aquilo que é definido como conhecimento escolar é, na verdade, um recorte, uma seleção dentre a inúmera variedade de conhecimentos produzidos por diferentes culturas em diferentes períodos históricos. Ou seja, o currículo oculto não é apenas um fenômeno presente na geração de comportamentos, mas também na reprodução não questionada de conhecimentos escolares declarados como universalmente válidos e neutros. Cunhando o conceito de "conhecimento oficial" (conceito este que dá o



© Reprodução

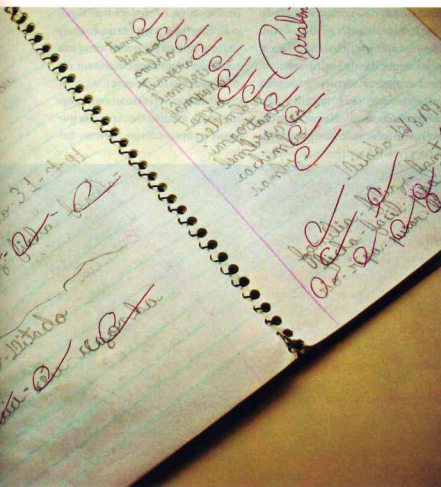
conhecimento à periferia. Estas outras formas de conhecimento nem merecem receber o nome de conhecimento, sendo chamadas de "folclore" ou "saber popular", por exemplo.

Apple, portanto, ao usar o conceito de currículo oculto, contribui para a complexificação do conceito: é preciso, para entender as dinâmicas de reprodução e produção da escola, prestar atenção à construção de estratégias de ajuste (e tolerância ao desconforto gerado pelo ajuste, como agrega Apple) baseadas na educação do corpo e do intelecto. Mas também é crucial atentar para as dinâmicas que reduzem os horizontes dos alunos ao tratar

A lógica do consenso que impera nas escolas ajuda a produzir um discurso de impossibilidade de mudanças

como positivas e centrais para a socialização, como, por exemplo, nos teóricos funcionalistas) estas inclinações produzidas nos comportamentos dos alunos, o currículo explícito, aquilo que se "ensina" nas escolas, ficava sem exame. Era como se houvesse uma espécie de consenso tão

título a um de seus livros), Michael Apple trata de aplicar a ideia, já presente no trabalho de Bourdieu, de que aquilo que a escola chama de *o conhecimento* é, na verdade, um recorte. Este é, na verdade, um conhecimento que se estabeleceu como oficial, relegando todas as outras formas de



MICHEL APPLE afirma que aquilo que é definido como conhecimento escolar é, na verdade, um recorte, uma seleção dentre a inúmera variedade de conhecimentos produzidos por diferentes culturas em diferentes períodos históricos

conhecimentos como neutros.

Nesta linha, Apple também nos ajuda a entender dois outros fenômenos da vida escolar, que contribuem para a produção e reprodução das relações de poder, e suas múltiplas dinâmicas de classe, gênero e raça. O primeiro é a deliberada eliminação do conflito como componente do processo educacional e o apagamento deste conceito na constituição da ciência. Apple demonstra como a lógica do consenso que impera nas escolas ajuda a produzir um discurso dominante de impossibilidades de mudança. Ao mostrar de que forma as noções de ciência e de estudos sociais usadas na escola eliminam

o conflito como fonte de geração de novo conhecimento, Michael Apple mostra como a prática de identificar o conflito sempre negativamente e o consenso sempre positivamente ajuda a "saturar" o senso comum com categorias explicativas que tendem à reprodução.

COMO DIZ APPLE, QUALQUER resposta que não apresente o consenso como estruturador do social não parecerá "natural". O segundo é o papel da escolarização não apenas como reprodução, mas como produção também. As análises críticas do papel da escola na sociedade capitalista enfatizavam um papel

reprodutor desta instituição. Ou seja, a produção da sociedade capitalista se dava na esfera da produção e a escola era um local em que esta produção era repassada aos alunos: a escola era uma espécie de espelho das relações de produção, em que a ação de verdade ocorreria. Apple defende a ideia de que, mais do que apenas reproduzir algo que foi produzido fora de seus muros, a escola é também uma esfera de produção das relações de dominação, em suas múltiplas dinâmicas. Isso quer dizer que é crucial estudar como, concretamente, ocorre esta produção das condições que mantêm a sociedade capitalista e suas múltiplas esferas de opressão funcionando. Mas também quer dizer que a escola é um espaço em que se podem criar novas dinâmicas, em que há sujeitos concretos mediando a produção da hegemonia, que é sempre um processo e nunca um dado.

Novos rumos

Em seus trabalhos mais recentes (um bom exemplo é o livro *Educando à Direita*), Apple tem buscado entender o movimento que ele chama de "Nova Direita". Trata-se de um conjunto de grupos que formam uma aliança entre neoliberais, neoconservadores, populistas autoritários e a nova classe média profissional. Para Apple, essa

aliança é na verdade um bloco hegemônico, ou seja, uma união estratégica de interesses que garante a dominação desse grupo. Os neoliberais buscam a introdução da noção de mercado em todas as esferas da vida social.

A IDEIA É QUE SOMENTE pela introdução da competição entre as escolas, maior produtividade (entendida como melhores resultados com o uso de menores recursos) do trabalho em sala de aula e a premiação dos melhores indivíduos é que a educação superará a sua crise atual. Os neoconservadores buscam um retorno a um passado dito “perfeito”, época em que os valores eram transmitidos sem problemas e a escola ensinava o “verdadeiro” saber; seu objetivo é o estabelecimento de padrões a serem seguidos por todas as escolas. Os populistas autoritários

introdução da lógica do mercado em todas as esferas do social. Esse grupo participa da aliança, pois depende da ampliação do conhecimento técnico gerencial que possuem para garantir sua mobilidade social. Nesse sentido, a eles interessa a desigualdade: suas credenciais têm mais valor se menos pessoas as detiverem. Segundo Apple, esses quatro grupos forjaram uma aliança estratégica, que não é garantida para sempre e depende de uma constante rearticulação.

A riqueza da argumentação de Apple (baseada principalmente em Gramsci) está no fato de que se entende essa Nova Direita não como um bloco coeso, mas como um bloco em que há contradições de interesses, mesmo que haja uma trégua temporária para garantir os interesses comuns desses grupos. Como diz Apple, se é verdade que os neo-

processo que “moderniza” o social, mas não para torná-lo mais justo e igualitário, mas sim para torná-lo mais conservador e reprodutor do *status quo*.

Contudo, o ponto mais importante da análise de Apple é que esses grupos não se tornam he-

Os neoconservadores buscam reaver um passado “perfeito”, em que a escola ensinava o “verdadeiro” saber

são os fundamentalistas cristãos que querem impor sua visão religiosa conservadora na sociedade em geral e na educação mais especificamente. Como diz Apple, eles querem um retorno do seu Deus em todas as instituições sociais. Finalmente, a nova classe média profissional é o grupo que proporciona os conhecimentos técnicos de gerenciamento e avaliação das práticas necessárias à manutenção da aliança dominante, tais como o estabelecimento do consenso em torno da

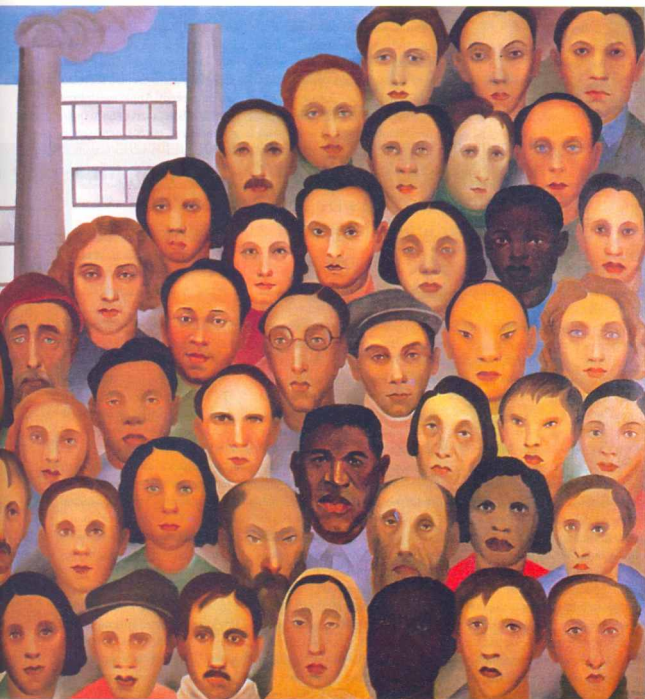
liberais querem um estado fraco e não intervencionista, também é verdade que os neoconservadores demandam um controle maior do Estado, inclusive com a elaboração de um currículo nacional que congregue o país como um todo em torno de uma pretensa cultura comum. Além de uma costura de interesses comuns, as contradições foram historicamente minimizadas. É essa aliança que vem produzindo o que Apple chama de modernização conservadora, ou seja, um



gemônicos porque forçam ou enganam as pessoas a acreditarem em uma determinada concepção de mundo como sendo a melhor para operar a sociedade, mas porque se conectam ao senso comum dessas pessoas e, nesse processo, convencem-nas a acreditar nessa

particular forma de ver e organizar o mundo. A análise de Apple busca não simplificar o exame de um fenômeno complexo como a criação de verdades sobre o social; ele busca construir uma teorização que ajude a entender as várias mediações que ocorrem

OPERÁRIOS NA TELA da artista brasileira Tarsila do Amaral. Para Apple, é fundamental "entender as tradições políticas que constituem o imaginário de uma nação"



© Tarsila do Amaral. Operários, óleo sobre tela, 1933. Reprodução

nesse processo. Na entrevista que concedeu e que está publicada na terceira edição de *Ideologia e Currículo*, ao falar da tradição crítica nos Estados Unidos, Apple mostra claramente como é fundamental entender as tradições políticas que constituem o imaginário de uma nação. Isso também pode ser transposto para a análise dos blocos hegemônicos formados em diferentes contextos nacionais, algo importante na implementação da análise de Apple. Se quisermos entender como tais alianças operam em diferentes contextos, o caminho não é buscar tais grupos

Escola Cidadã). Este é um desdobramento crucial da obra de Apple, pois trata de implementar concretamente o alerta que ele faz em sua obra há vários anos: é fundamental não apenas analisar a sociedade, mas também transformá-la.

Um educador e pesquisador que enfatiza seu ativismo político

Não se pode concluir este breve passeio pela contribuição de Michael Apple para o campo da educação sem que se destaque a importância que o seu ativismo político e seu engajamento em lu-

tamente o seu engajamento político e sua crença de que a teoria precisa nos ajudar não somente a entender a realidade, mas também a transformá-la, que tem feito com que ele critique algumas das interpretações pós-modernas e pós-estruturalistas. Para Apple, é crucial não esquecer a hierarquia que as relações de classe, gênero e raça produzem, algo que é esquecido por algumas dessas interpretações simplistas quando declaram que os discursos criam a realidade que descrevem. Apple mostra que alguns destes discursos têm legitimidade e outros nem sequer são ouvidos. É o seu comprometi-

Para Apple, um dos papéis cruciais da pedagogia crítica é transformar a educação

em nossa realidade, mas utilizar as ferramentas teóricas complexas forjadas por Apple para analisar as particulares relações entre diferentes grupos hegemônicos e contra-hegemônicos e a formação de blocos específica destes locais.

MAIS DO QUE SIMPLESMENTE entender como a Nova Direita vem operando, em suas últimas obras, especialmente naquelas que tem escrito em parceria com outros autores, Apple tem enfatizado o aspecto contraditório da educação como espaço social. Ele tem mostrado experiências concretas de produção de contra-hegemonia, de contestação, de contradição e resistência em alguns lugares do mundo (inclusive em Porto Alegre, na experiência da

tas mundiais por uma sociedade e uma educação mais justas (que valorizem simultaneamente a necessidade da distribuição igualitária de bens materiais e simbólicos e do reconhecimento da diferença) tem em sua trajetória e em sua obra. Apple insiste que um dos papéis cruciais da pedagogia crítica é transformar a educação e não apenas analisá-la. O compromisso político de Apple tem guiado suas preocupações teóricas, e sua crescente sofisticação teórica deriva de seu engajamento nas complexas questões que envolvem o campo da educação e sua relação com a sociedade mais ampla. Em suas buscas por uma teorização que tenha potência para analisar estas complexas realidades contemporâneas, Apple tem recorrido a alguns elementos das teorias pós-estruturalistas. No entanto, é exa-

mento com a necessidade de uma sociedade mais justa que baliza sua análise sobre a teorização capaz de analisar de forma mais complexa a dominação e as contradições.

EM SEU ATIVISMO, APPLE não cai na tentação de imaginar que, como intelectual, tem a resposta para a ação transformativa. Em seus últimos escritos tem insistido que o papel dos intelectuais é também operar como “secretários”, dando visibilidade às práticas transformadoras construídas por professores e professoras em escolas concretas, em sua luta diária. É crucial sistematizá-las, analisá-las, criticá-las e aprender com seus acertos e erros neste projeto de uma educação mais justa.

Os esforços de Apple para construir uma teorização so-

fisicada que permita construir estratégias concretas de transformação da sociedade e da educação podem ser resumidos em uma frase de um de seus livros (*Power, Meaning, and Identity*), em que define o que significa para ele buscar este equilíbrio: “ser crítico, mas fundamentar esta crítica no reconhecimento das complexidades das escolas e dos atores que atuam dentro dela; pensar teoricamente, mas lutar para ser o mais claro possível; pensar criticamente até

mesmo sobre o mais radical trabalho do nosso campo, mas ainda sim apoiar o que os membros da comunidade de estudos críticos da educação estão fazendo para nos mostrar o que não éramos capazes de entender antes de seus trabalhos”. Apple tem mostrado este equilíbrio em sua obra e, com seu trabalho, contribuído grandemente para uma análise mais complexa da educação e para práticas mais informadas e com maior capacidade de intervenção social.

Luís Armando Gandin é doutor (Ph.D) em Educação pela University of Wisconsin-Madison, Estados Unidos. É professor de Sociologia da Educação na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É editor-chefe da Revista *Educação & Realidade* e editor da revista *Currículo sem Fronteiras*. Entre suas publicações destacam-se *Educação Libertadora: Avanços, Limites e Contradições* (Vozes, 1995), *Educação em Tempos de Incertezas*, organizado com Álvaro Hypólito (Autêntica, 2ª ed., 2003/Didáctica, 2003), *The Routledge International Handbook of Critical Education*, organizado com Michael Apple e Wayne Au (Routledge, 2009/ArtMed, no prelo) e *The Routledge International Handbook of Sociology of Education*, organizado com Michael Apple e Stephen Ball (Routledge, 2009).

Obras (selecionadas) de Michael Apple

APPLE, Michael. *Power, Meaning, and Identity: Essays in Critical Educational Studies*. New York: Peter Lang, 1999.

_____. (org.). *The State and the Politics of Knowledge*. New York: Routledge, 2003.

_____; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando (orgs.). *The Routledge International Handbook of Critical Education*. New York/Londres: Routledge, 2009.

_____; BALL, Stephen; GANDIN, Luís Armando (orgs.). *The Routledge International Handbook of Sociology of Education*. New York/Londres: Routledge, 2009.

_____. (org.). *Global Crises, Social Justice, and Education: What Can Education Do?* New York: Routledge, 2009.

Em português

APPLE, Michael. *Ideologia e Currículo*. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, [1979] 2006.

_____. *Educação e Poder*. Porto Alegre: Artmed, [1982] 1989.

_____. *Trabalho Docente e Textos: Economia Política das Relações de Classe e Gênero em Educação*. Porto Alegre: Artmed, [1986] 1995.

_____. *Conhecimento Oficial: A Educação Democrática numa Era Conservadora*. Petrópolis: Vozes, [1993] 1997.

_____; BEANE, James (orgs.). *Escolas Democráticas*. São Paulo: Cortez, [1995] 1997.

_____. *Política Cultural e Educação*. São Paulo: Cortez, [1996] 2000.

_____. *Educando à Direita: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade*. São Paulo: Cortez, [2001] 2003.

_____; BURAS, Kristen L. (orgs.). *Currículo, Poder e Lutas Educacionais – Com a Palavra os Subalternos*. Porto Alegre: Artmed, [2005] 2008.

Entrevista com Michael Apple

APPLE, Michael. “Reestruturação Educativa e Curricular e as Agendas Neoliberal e Neconservadora: Entrevista com Michael Apple”. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, n. 1, 2001 [Disponível em <www.curriculosemfronteiras.org/vol1isstar-ticles/apple.pdf>. Acesso em 20/10/2009].

Sobre Michael Apple

WEIS, Lois; DIMITRIADIS, Greg; MCCARTHY, Cameron (orgs.). *Ideology, Curriculum, and the New Sociology of Education – Revisiting the Work of Michael Apple*. New York: Routledge, 2006.

PARASKEVA, João M. “Michael W. Apple e os Estudos [curriculares] Críticos”. *Currículo sem Fronteiras*, v. 2, n. 1, 2002 [Disponível em <www.curriculosemfronteiras.org/vol2is-starticles/paraskevaconf.pdf>. Acesso em 20/10/2009].